

# O PSICÓLOGO: ATUAÇÃO PROFISSIONAL E FUNÇÃO SOCIAL SEGUNDO A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA\*

Manoel Antônio dos SANTOS\*\*

## RESUMO

Estudantes que recém-ingressaram em um curso de formação em Psicologia da cidade de São Paulo responderam a um questionário com as seguintes perguntas: "O que faz um psicólogo na sua opinião?" e "Qual a função social que o psicólogo desempenha?" A amostra foi composta de 53 alunos de ambos os sexos, cuja idade média era 19 anos. Os resultados indicam que as informações sobre as áreas de atuação em Psicologia são precárias e desorganizadas. Basicamente se resumem ao trabalho na área Clínica. A imagem promovida é a de um profissional liberal lotado em consultório particular, dotado de um conhecimento teórico eclético e "profundo" acerca do ser humano, o que o instrumenta a orientar, aconselhar e ajudar o outro. A função social do psicólogo não chega a ser percebida.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como ponto de partida a preocupação com a profissão do psicólogo enquanto prática social e se inscreve na orientação de outros estudos relativamente recentes

---

(\*) Este trabalho foi apresentado por ocasião da XVI Reunião Anual de Psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, outubro de 1986. Agradecemos a colaboração dos psicólogos Tânia Takahachi e Paulo Périssé, que participaram da análise dos dados.

(\*\*\*) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto — Universidade de São Paulo.

que se desenvolvem em torno da questão da formação profissional, da atuação e das funções sociais do psicólogo, visto aqui como um representante da ciência psicológica. Em trabalho clássico sobre a profissão do psicólogo em São Paulo, Mello sustenta que "para criar condições de realização plena das suas funções sociais é necessário que o psicólogo promova uma imagem da profissão mais adequada ao seu conteúdo de ciência aplicada, isto é, ele deve efetivamente aparecer, nas suas atividades profissionais, como um representante da ciência psicológica" (Mello, 1975, p. 63). Contudo, diversos estudos têm enfatizado as limitações da atuação profissional e mesmo a sua inadequação dentro de determinados contextos (Mello, 1975a; Pereira, 1975; Botomé, 1979; Botomé e Rosenburg, 1981; Carvalho e Kavano 1982; Figueiredo, 1983; Carvalho, 1984a; Carvalho, 1984b; Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo e Conselho Regional de Psicologia — 6ª Região, 1984; Santos, 1986; Silva e Botomé, 1986; Silva, 1988), atribuindo essas deficiências à influência marcante que valores, atitudes, preconceitos e estereótipos ligados à profissão do psicólogo exercem sobre as representações que modelam suas expectativas e aspirações acadêmicas e profissionais.

No domínio de sua especialidade, o psicólogo frequentemente se depara com práticas pré-científicas e a aplicação de conhecimentos baseados no senso comum. Esses problemas parecem vincular-se à imagem banalizada da Psicologia que é divulgada comumente pelos meios de comunicação de massa, incluindo obras pedagógicas e textos simplificados que, sob o pretexto de tornarem os conhecimentos psicológicos acessíveis a uma ampla parcela da população, acabam por vulgarizá-los e distorcê-los em diluições simplificadoras, que parecem reduzir a Psicologia à aplicação ingênua de técnicas mal fundamentadas do ponto de vista teórico. À medida que a Psicologia foi se desenvolvendo e sofisticando seus métodos de pesquisa, observou-se um interesse crescente da população leiga pelos seus temas. Mello observa que, "incentivados por este gosto do público, e a partir de noções levemente emprestadas da Psicanálise e da Psicologia em geral, os meios de comunicação de massa popularizaram imagens tão confusas e ambíguas quanto ao conhecimento que o público possui da Psicologia. As imagens apresentadas reduzem todo os aspectos técnicos ou científicos à

banalidade" (Mello, 1975, p. 67). É precisamente neste ponto que a Psicologia, despojada da especificidade que confere à formação técnica do profissional, inclina-se para o domínio da magia, do inefável e do mistério. Sua função social se esvanece, uma vez que a própria delimitação do campo específico de atuação acha-se comprometida pela justaposição de funções com outros campos do conhecimento, que por vezes nada possuem de científicos.

Desse modo, uma imagem mais adequada da profissão só pode ser criada e mantida, segundo Mello (1975), através das atividades e dos serviços que os profissionais prestam ao público. A demarcação das fronteiras entre o campo de competência do psicólogo e as práticas não científicas só poderá consolidar-se à medida que o próprio psicólogo possua uma imagem adequada da função social da profissão e estenda os seus conhecimentos e técnicas a uma parcela considerável da população. A referida autora conclui que a formação em Psicologia é responsável por grande parte da imagem que o psicólogo tem de sua profissão e das funções sociais que ela visa a preencher. De onde se depreende que é ao nível da formação acadêmica que a orientação geral da profissão é transmitida ao futuro profissional em Psicologia, influenciando inclusive o caráter dos serviços que o Psicólogo pode prestar à comunidade.

Através de uma comparação das justificativas apresentadas pelos psicólogos por ocasião do ingresso e do término da graduação, Carvalho e Kavano (1982) avaliaram o papel dos cursos de Psicologia na determinação da opção por área. Verificaram que ele consiste no oferecimento de informações sobre áreas de trabalho previamente desconhecidas pelos alunos, na confirmação dos principais aspectos da imagem que o aluno já traz acerca das áreas de atuação e no direcionamento da opção de trabalho, a partir da concentração da formação na área clínica. Em um outro importante estudo acerca das representações do aluno ingressante, realizada na Paraíba, Figueiredo (1985) obteve resultados que confirmam que a área clínica centraliza as preferências dos alunos, associada com uma busca de autoconhecimento e uma inclinação para o exotérico. Esses resultados parecem replicar os obtidos por Thebaud (1969).

Seguindo uma proposta teórica acerca das representações sociais desenvolvida por Moscovici, e interessadas por

avaliar a representação do psicólogo, Leme, Bussab e Otta (1984) analisaram as respostas fornecidas por alunos ingressantes de um curso de Psicologia de São Paulo à pergunta: "Qual é, a seu ver, a imagem que o público leigo tem do psicólogo?" A maioria das respostas demonstrou haver informação sobre a Psicologia, que é vista predominantemente como Clínica. As referências às outras áreas de atuação profissional são apenas esporádicas. O campo de competência profissional do psicólogo não é claramente delimitado, aparecendo confusões com a figura do psiquiatra que trata de pessoas loucas. Pelo que se pôde apreender das opiniões coletadas, o trabalho do psicólogo teria uma importância social muito restrita, pois limitar-se-ia a uma pequena parcela de pessoas "fracas e dependentes" do ponto de vista emocional.

Em pesquisa que abrangeu alunos do primeiro e do quinto ano de dois cursos de Psicologia da cidade de Londrina, Silva e Botomé (1986) interessaram-se por investigar a percepção que têm os estudantes do trabalho do psicólogo clínico. Para os objetivos do presente estudo, restringiremos nossa atenção às respostas dos alunos iniciantes. As situações mais frequentemente percebidas como prováveis alvos da intervenção do psicólogo (situações com as quais os psicólogos clínicos atuam, podem ou devem atuar) são categorias de "problemas": sociais, psicológicos, sexuais, etc. A atuação profissional orienta-se, assim, para a "recuperação" e/ou "reabilitação" dos indivíduos. Os estudantes percebem pouca amplitude de atuação no trabalho desenvolvido pelo psicólogo clínico na atualidade. Os locais de trabalho percebidos são aqueles já tradicionais, como instituições: de Saúde Mental, de Saúde, de Ensino e Pesquisa, Penais, Sociais e Assistenciais, e de Ensino Especial. Mais do que isso: predomina uma tendência a considerar locais de atuação dos psicólogos clínicos aqueles que lidam diretamente com pessoas problemas ou pessoas com problemas.

Lázaro, Oliveira e Marques (1986) compararam as respostas dos alunos ingressantes sobre os motivos da escolha do curso com as respostas dos alunos de quinto ano. O estudo foi realizado na cidade de Uberlândia. Foi encontrada uma grande semelhança entre a percepção inicial e ao término do curso de Psicologia. A análise comparativa dos dados obtidos mostrou que o aluno ingressa no curso com a **concepção de que a Psico-**

logia é um instrumento para conhecer a si mesmo e ajudar os outros, indicando uma clara preferência pela área clínica. Demonstra ainda um alto nível de idealização da profissão e uma quase total ausência de preocupações propriamente profissionais. O aluno prestes a concluir o curso ainda manifesta uma notável idealização em relação ao exercício da profissão. A psicologia continua sendo percebida como uma forma de resolução de problemas e de trazer felicidade.

Magnani (1986) atenta para o fato de que, apesar de ser utilizado por diversos autores, o conceito de representação não aparece definido com precisão na literatura. Portanto, temos aí um grave paradoxo: apesar de não ser discernido com precisão, o estudo do fenômeno das representações sociais vem se convertendo em moeda corrente da Psicologia Social. Moscovici (1961) salienta que há muitas razões para que o conceito de representação social seja de difícil apreensão, razões em grande parte históricas, que caberia aos historiadores descobrir, e razões não históricas, que podem ser reduzidas a apenas uma, que é o lugar que o conceito ocupa "na encruzilhada de uma série de conceitos sociológicos e de uma série de conceitos psicológicos" (p. 41). A concepção de representação social como "via de apreensão do mundo concreto" ou como forma de pensar ou de se situar no mundo, ou ainda como registro disponível para classificar e interpretar a realidade, próprio da nossa cultura, é mais bem esclarecida pela obra de Moscovici (1961). Em linhas gerais, o que se depreende da teoria deste autor é que o indivíduo ou o grupo social, quando formula uma representação social de uma teoria ou de um fenômeno científico, está na verdade recriando-o segundo a sua visão particular do mundo. Um outro autor, que também tem seu nome ligado à Psicologia Social, Erving Goffman (1961), oferece um conceito um tanto quanto diferente sobre representação, que se aproxima mais do sentido que a palavra assume na dramaturgia, embora este seja deslocado para o domínio social e adquira aí um estatuto próprio. (Uma consideração mais cuidadosa das diferenças e semelhanças entre os conceitos de representação para estes autores foi alvo de um outro estudo de nossa autoria: Santos, 1988). De comum, essas teorias parecem guardar apenas a hipótese inicial de que a representação é um fenômeno psicológico engendrado na coletividade. Nessa medida é um fenômeno moldado socialmente, embora os mecanismos subjacentes à sua produção sejam de natureza psicológica.

Moscovici (1961), ancorado em noções derivadas de Psicologia Social e da Sociologia do Conhecimento, emprega o termo "representação social" para designar tanto o produto como o processo de interiorização e modificação sofrida pelas informações adquiridas pelo indivíduo, de acordo com as suas experiências de vida e necessidades (sejam elas conscientes ou não). As condições concretas de vida levariam o indivíduo a re-apresentar, segundo a percepção do mundo que lhe é peculiar, os conceitos adquiridos através do convívio coletivo. Este comportamento teria dois efeitos notáveis: o primeiro, o de permitir que o agente, através da representação, vá além dos conceitos, recriando o dado em uma dimensão social; e o segundo, de engendrar o processo que perpetua uma determinada forma de pensar e representar a realidade, implícita em toda representação social.

Arruda (1983, p. 8) resenha uma série de trabalhos que, partindo de diferentes enfoques — econômico, antropológico, das ciências da educação ou da saúde — utilizam o "estudo de representações sociais para explicar as relações entre o indivíduo e a sociedade e/ou as formas como ele elabora psicologicamente sua realidade e age sobre ela". Segundo esta autora, a representação social tem um papel fundamental dentro do processo dinâmico implícito na formação do comportamento e do pensamento coletivo. "... a Representação Social emerge como fenômeno importante para o enfoque psicossociológico da sociedade; é um processo central, dinâmico, situado na articulação do social e do psicológico que permite compreender a formação do pensamento social. Ela é, para nós, um modo de conhecimento da formação do comportamento. (...) Aí reside sua utilidade para o estudo do estado e evolução das idéias e das condutas sociais, já que ela desvenda os mecanismos de funcionamento da elaboração social do real" (idem, ibidem, p. 9).

Para descrever as formas pelas quais a Psicanálise é representada socialmente, como o público a modela e através de que caminhos se constitui a imagem que dela se faz, Moscovici (1961) recorre à construção de modelos psicológicos, a partir dos quais os membros de uma determinada sociedade pensam a sua experiência. Seu ponto de partida são pesquisas de opinião e de questionários endereçados a amostras representativas da população e uma análise de conteúdos veiculados pela imprensa

francesa durante um certo período de tempo. Através dessa pesquisa, Moscovici elaborou um método que pode ser aplicável a outras representações sociais, como as representações correntes da Educação, da Psicologia, da Medicina, e assim por diante. Trata-se, portanto, de um modelo teórico, que foi posteriormente enriquecido pelos aportes de Jodelet (1976), citada por Arruda (1983).

Assim como Moscovici pôde elucidar as distorções existentes na imagem que o público faz da Psicanálise, é possível investigar a imagem que o "bom senso" popular transmite a respeito de outras profissões e áreas de conhecimento, como a Psicologia, dentro de um contexto social preciso. O universo de representações é, como indica Schmidt (1984), uma peça importante na reprodução e legitimação de certos modos de pensar a prática profissional e o saber psicológico. Ao mesmo tempo em que ele é constituído pelas práticas sociais que engendram a produção e a utilização do conhecimento psicológico, é constituinte e legitimador dessas mesmas práticas.

Assim, as representações podem instituir determinada forma de atuação, graças ao seu considerável poder de articular-se nos discursos sobre a profissão, impondo gradualmente uma imagem dominante pela qual ela passa a ser reconhecida no circuito das trocas sociais.

Se praticamente já é do conhecimento geral a hegemonia da Psicologia Clínica no campo de atuação profissional em nosso país e se esta condição social tem mesmo influenciado objetivamente a representação social da profissão, pode-se esperar que se detecte, entre profissionais, estudantes de Psicologia e o público leigo, este modo muito particular de conceber a Psicologia. Considerando tal premissa, pretendemos investigar as representações de alunos sobre a Psicologia enquanto profissão, partindo-se do princípio de que também elas são elementos constitutivos das formas do saber e da prática psicológica.

Boistel (1982-1983) já havia percebido a importância de se especificar a percepção que o estudante de Psicologia tem do papel do psicólogo, detendo-se particularmente na figura do psicólogo clínico, mas coube a Bernardi (1982-1983) assinalar que não importa saber se a imagem social da Psicologia é boa ou má, mas sim se ela prepara os estudantes a dominar uma área de conhecimento necessária para sua atuação posterior.

Assim, consideramos de relevância precisar a imagem da Psicologia que o aluno ingressante traz, porque ela pode determinar sua futura escolha por uma determinada área de atuação em função dessas pré-concepções, caso elas não sejam modificadas ou corrigidas pelos cursos ao longo da formação. Alguns trabalhos sobre a atuação ou formação do psicólogo em nosso meio oferecem evidências que parecem confirmar tal fenômeno, como Carvalho e Kavano (1982); Silva e Botomé (1986); Lázaro, Oliveira e Marques (1986); Dobrienskyj (1988b, 1988c) e Ulian e colaboradores (1988).

Grego e Kaumann (1973) vêem a necessidade de um trabalho prévio, que desmistifique e altere radicalmente as pautas de verossimilhança vigentes em relação ao que se entende por Psicologia. Esses autores sustentam que a prática e os modelos de atuação do psicólogo estão condicionados pelo sistema social de produção da Psicologia. Recordam ainda que a história das profissões condiciona, e até mesmo pode determinar, o progresso ou o atraso científico. Reconhecer o lugar do psicólogo no processo de produção da Psicologia reveste-se assim de uma importância capital para a obtenção das mudanças desejadas.

As representações que cercam o exercício da profissão na sociedade argentina revelam muitas semelhanças com as que vêm sendo detectadas através de verificação metódica no Brasil. Mas as soluções propostas carecem de maior solidez. Entrementes, um outro autor argentino, Harari (1975), acredita que os mitos e equívocos sobre o psicólogo podem ser desconfirmados pela ciência, que lhe imporia uma forte resistência. Se é verdadeiro que estes mitos influenciam a produção de comportamentos referidos socialmente como próprios ao psicólogo, não é menos verdade que a imagem mística, estereotipada, ainda predominante segundo Harari, tende a enfraquecer-se com a evolução do conhecimento psicológico. Resta saber qual a direção que essa evolução deve seguir, que em nossa opinião deve ser aquela mais favorável para a criação de alternativas de atuação profissional (Botomé, 1987) que transformem os modelos tradicionais em opção, e não imposição, de trabalho.

Tomando como referencial esses dados da literatura, o presente trabalho preocupa-se especialmente em avaliar o tipo de informação acerca da profissão do psicólogo e da sua função social com que o aluno ingressa em um determinado curso de



formação. O objetivo é averiguar até que ponto os alunos iniciantes conhecem ou desconhecem as diferentes áreas de atuação e quais são as representações sociais que eles produzem em relação a essas áreas. Em outras palavras, verificar quais são os aspectos da imagem da profissão conhecidos e valorizados por eles.

A presente investigação situa-se ainda no âmbito de outras pesquisas como a de Rodrigues, Trindade, Menandro e Rodrigues (1985), Ulian e colaboradores (1988) e Dobrienskyj (1988a, 1988b e 1988c), que, de um modo geral, procuram estudar as apirações, expectativas (acadêmicas e profissionais) e representações sobre a Psicologia, que constituem as imagens da profissão trazidas pelos estudantes de Psicologia e a maneira como elas influenciam ou são influenciadas pela formação e atuação profissional.

## MÉTODO

### Sujeitos

A amostra foi composta de 53 alunos (44 do sexo feminino e 9 do sexo masculino) recém-admitidos em um curso de formação em Psicologia de uma instituição pública de ensino superior da cidade de São Paulo, cujas idades variavam entre 17 e 24 anos (idade média igual a 19 anos). Esses estudantes eram provenientes, em sua maioria (79%), de escolas particulares de 2º grau e não exerciam qualquer atividade remunerada. O nível sócio-econômico (NSE) dos pais variou de médio-alto a alto.

Para a classificação do NSE das famílias dos sujeitos, tomou-se como base a profissão e o nível educacional dos pais. O nível profissional e educacional foi avaliado através de uma escala ponderada de nível profissional, adaptada para o Brasil por Hutchinson (1960), baseada em uma hierarquia de prestígio das profissões, com seis pontos e peso três, combinada com uma escala educacional com seis pontos e peso dois, descrita por Lomônaco (1970). A escala total varia de 5 pontos, correspondente ao nível mais alto de "status" profissional e educacional, a 30 pontos, que equivale ao nível mais baixo. Para

efeito da presente investigação, considerou-se como pertencentes à classe alta e média-alta os pais que apresentavam um resultado entre 5 e 14 pontos, classe média quando o resultado variava entre 15 e 18 pontos e classe média-baixa e baixa, de 19 a 30 pontos. Na amostra, 80% das famílias enquadravam-se na primeira classe citada.

## Procedimento

Os pesquisadores solicitaram a dois professores que ministram aulas para o primeiro ano de graduação em Psicologia que lhes fosse cedida uma parte da aula para a aplicação de um questionário aos alunos. Os estudantes foram solicitados a responder de forma livre e espontânea ao questionário mimeografado; explicou-se que não havia respostas certas ou erradas e que o interesse da pesquisa era o de saber o que eles pensavam acerca da carreira escolhida. Além de dados pessoais, o questionário constava das seguintes perguntas abertas: 1) O que faz um psicólogo na sua opinião? e 2) Que função social o psicólogo desempenha?

A análise dos dados foi realizada a partir de uma categorização prévia de todas as respostas cursivas, efetuada de forma independente por três juízes. Posteriormente, essa categorização foi apresentada junto às respostas dos sujeitos a três outros juízes, que as classificavam, também de modo independente, segundo a lista de categorias previamente estabelecidas. Os resultados foram então confrontados uns com os outros e, à medida que havia consenso geral entre as classificações atribuídas pelos três juízes, a resposta era considerada. Foi adotado o critério de classificar cada resposta em tantas categorias quantas fossem necessárias para esgotar seu conteúdo, o que implica que a tabulação não exprima o número de entrevistados. Isto se justifica pelo fato de que a análise dos dados tinha por principal objetivo examinar cuidadosamente o conteúdo das respostas, sendo sua frequência um aspecto secundário.

Desse modo, a resposta de um dos sujeitos à questão 2: "O psicólogo tenta ajudar ou encaminhar pessoas cujo comportamento não esteja de acordo com o que a própria pessoa desejaria desempenhar", foi classificada em uma única categoria "função de ajuda: ajudar o indivíduo a se modificar". O mesmo não acontece com a seguinte resposta de um outro sujeito: "Um psicólogo age em clínicas como terapeuta; no aconselhamento de pais e alunos, ou como orientador profissional nas escolas"

em que a resposta foi decomposta em três categorias: "Clínica: terapia", "Educação: aconselhamento" e "Educação: orientação vocacional/profissional".

O método utilizado para coletar as representações sociais baseou-se em questionários, mas devemos mencionar, de passagem, que os trabalhos de pesquisa que lançam mão deste conceito podem se apoiar em inúmeras outras técnicas, tais como entrevistas, análise de conteúdo de textos, dinâmica de grupo, etc. Esses recursos podem ainda complementar-se uns aos outros, enriquecendo ainda mais a investigação.

No que se refere à análise das representações sociais, ainda que ela seja normalmente realizada em duas etapas diferentes (Arruda, 1983, p. 11), optamos por uma análise em conjunto. Assim, todos os elementos ou dimensões constitutivas da representação, que formam a primeira etapa de análise (nível de informação, atitude com relação ao objeto, campo ou amplitude da representação), bem como os processos constitutivos que formam a segunda etapa de análise (objetivação e amarração ou ancoragem da representação), aparecem condensados na análise que é feita a partir das categorias obtidas, que foram hierarquizadas segundo a frequência com que aparecem na amostra.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos acham-se distribuídos nas Tabelas 1 e 2.

A Tabela 1 mostra as respostas obtidas para a questão: "O que faz um psicólogo na sua opinião?" Observa-se que, do total de respostas obtidas, 57% referem-se às diferentes áreas de atuação. Portanto, o critério pelo qual a atuação profissional do psicólogo é caracterizada tende a priorizar a agência ou área de atuação. As maiores frequências incidem igualmente nas três áreas de atuação do psicólogo tradicionalmente reconhecidas, a saber: Clínica (28%), Educação (27%) e Indústria (28%). São mencionadas ainda, embora em frequências relativamente menores, Ensino (10%), Pesquisa (8%), Saúde (8%) e Publicidade (2%).

**Tabela 1.** Distribuição das respostas dos sujeitos à questão: "O que faz um psicólogo na sua opinião?"

O que faz um psicólogo na sua opinião?	f*	** f/tol (%)	*** f/cat (%)
<b>1. Depende da área de atuação</b>	67	57	28
a) Clínica	19		
I. Terapia	6		
II. Aconselhamento	2		
III. Análise	2		
IV. Trabalhar indivíduo (com ou sem problemas)	2		
V. Não específica atividade	7		
b) Indústria	19		
I. Seleção	7		
II. Treinamento	2		
III. Orientar relações entre colegas e entre empregado e padrão	2		
IV. Melhor andamento do trabalho	1		
V. Aumentar produção	1		
VI. Não específica atividade	6		
c) Educação	18		
I. Aconselhamento	3		
II. Orientação vocacional/profissional	3		
III. Integrar criança problemática à escola	2		
IV. Problemas de aprendizagem	2		
V. Avaliar/desenvolver métodos de aprendizagem	1		
VI. Não específica atividade	7		
d) Ensino	7	10	
I. Segundo grau	2		
II. Superior	2		
III. Não específica atividade	3		
e) Pesquisa	5	7	
f) Outras atividades	6		
I. Saúde	5	9	
II. Publicidade	1		
<b>2. Não se refere às diferentes áreas</b>	51	43	24
a) ajustar o indivíduo à sociedade	12		
b) ajudar o indivíduo a compreender a si mesmo	9		
c) apoio	9		
d) orientação	7		
e) ajudar o indivíduo a resolver problemas	4		
f) trabalhar relações (não específica)	2		
g) estudar comportamentos	2		
h) conscientizar	2		
i) resolver problemas	2		
j) prevenção	1		
l) observar o cotidiano	1		

(\*) Frequência absoluta de respostas.

(\*\*) Frequência relativa ao total de respostas, em porcentagem.

(\*\*\*) Frequência relativa ao total de respostas obtidas em cada categoria, em porcentagem).

Dentre as respostas que não se referem às diferentes áreas de atuação (43%, o equivalente a 51 respostas), 24% definem as atividades do psicólogo dentro da categoria genérica "ajustar o indivíduo à sociedade". Seguem-se as subcategorias "ajudar o indivíduo a compreender a si mesmo" e "apoio", ambas com 18%, e "orientação" (14%). As demais subcategorias aparecem com frequências inferiores a 8%.

Analisando mais cuidadosamente a categoria "depende da área de atuação" nota-se que, apesar de citar as diferentes áreas, o aluno não especifica que atividades são exercidas em cada uma delas. Entre as respostas que especificam a atividade do psicólogo na área Clínica, são agrupadas atividades como "terapia" (6), "aconselhamento" (2), "análise" (2) e "trabalhar indivíduo com ou sem problemas" (2). Isto parece confirmar a hipótese de que a atividade clínica é percebida, na maioria das vezes, como uma relação direta e íntima com outra pessoa, ao nível de atendimento terapêutico. Surpreendentemente, este dado também se aplica à área de Educação, em que as atividades mais citadas se referem a "aconselhamento" (3), "orientação vocacional/profissional" (3) e "integração da criança problemática à escola" (2), ou seja, o modelo de atuação é mais uma vez dotado de características do trabalho clínico, em que a Psicologia Escolar é concebida basicamente como uma atuação direta junto às crianças.

Em Indústria, parece haver um maior reconhecimento da especificidade das atividades que caberia ao psicólogo desempenhar, atuando em "seleção" (7) e "treinamento" (2), embora ainda persista, de certo modo, a natureza da atividade clínica em "orientação" (2).

Nas demais áreas de atuação arroladas (Ensino, Pesquisa e outras), não se observa a perspectiva de atuação clínica, talvez pelo fato de serem áreas mais técnicas, que podem não dar margem para a relação interpessoal que caracteriza a Clínica. Por outro lado, subjacente às respostas que não se referem às diferentes áreas, constata-se um nítido domínio do modelo de trabalho clínico. O psicólogo aparece como aquele que pode "ajustar o indivíduo à sociedade" (12), "ajudar o indivíduo a compreender a si mesmo" (9), propiciar "apoio" (9) e "orientação" (7) "ajudar o indivíduo a resolver problemas" (4), "conscientizar" o indivíduo acerca desses problemas (2) ou mesmo

"resolvê-los" (2) para o indivíduo. O psicólogo pode ainda ser identificado como um contemplativo "observador do cotidiano" (1), para quem o fato de "estudar comportamentos" (2), por exemplo, justifica-se em si mesmo, não implicando compromisso com a comunidade de espécie alguma.

Embora não sejam citadas as diferentes áreas, as respostas parecem indicar a percepção de uma única área de atuação (Clínica), ainda que se deva considerar que a não especificação do que os sujeitos entendem, por exemplo, por atividades de "apoio" e "orientação", dificultem uma análise mais rigorosa. Em outras palavras, também aqui a Clínica é uma vez mais identificada com a área de atuação por excelência do psicólogo.

Silva e Botomé (1986) observaram uma tendência semelhante, embora tenham trabalhado com locais de atuação em vez de atividades: "A orientação básica na percepção dos sujeitos em relação aos locais de atuação do psicólogo clínico pode ser observada no local mais indicado pelos sujeitos: a clínica psicológica particular. Os demais locais citados, na sua maioria, são variações da clínica ou locais onde tem sido mais freqüente uma atividade 'clínica'. Nesse sentido, por exemplo, a escola pode ser um local onde os psicólogos atuem como clínicos, de acordo com um 'modelo médico' e com uma espécie de 'consultório na escola', voltados para o atendimento de 'pessoas com problemas', alunos 'fracos', 'indisciplinados', 'desequilibrados', 'inseguros', 'carentes', etc." (p. 30).

A Tabela 2 apresenta as respostas obtidas para a questão: "Que função social o psicólogo desempenha?" Nota-se que, dos 53 sujeitos, 18 (34%) não sabem especificar uma única função social que o trabalho do psicólogo pode atender. Entre aqueles que percebem o trabalho em Psicologia como socialmente relevante, 26% das respostas obtidas caracterizam-no como tendo uma "função de ajustamento". Por essa visão, caberia ao psicólogo "integrar o indivíduo à sociedade" (12 respostas), "integrar o indivíduo a si mesmo" (2 respostas) ou ainda transformar a sociedade em que vive, com a finalidade de "melhorar" e "questionar as relações sociais" (4 e 1 respostas, respectivamente), adaptando-as ao indivíduo. Por outro lado, 22% apontam para a "função de ajuda", segundo a qual caberia ao psicólogo "ajudar o indivíduo a solucionar seus problemas e con-

flitos" (12 respostas), ou ainda "ajudar o indivíduo a 'ver' o que ele 'não pode ver' (3 respostas) e a "se modificar" (uma única resposta). Uma "função de aconselhamento" é salientada por 12% das respostas, em que o psicólogo seria responsável por "orientar pessoas rumo ao autoconhecimento" (6 respostas) ou "compreender o mundo de cada pessoa" (3 respostas). Já "promover o bem-estar" é a função social priorizada por 11% das respostas, podendo ser sub-agrupada em: "promover o bem-estar do indivíduo" (3 respostas), "proporcionar e prevenir problemas mentais" (2) e "proporcionar equilíbrio mental" (uma única resposta). 4% das respostas distribuem-se entre "melhorar o mundo" (1), "ser amigo" (1) e "confortar doentes desengoados" (1), em que a função do psicólogo parece ser percebida como estando próxima da função de um missionário ou sacerdote que faz do "altruísmo e da abnegação" suas metas de vida. Houve ainda a ocorrência isolada da resposta "só tem função social quando atua em instituições".

Parece interessante comparar as informações proporcionadas pela Tabela 2 com dados relatados na literatura para a população de **psicólogos já formados**. Ulian e Colaboradores (1988) concluíram que "ajudar o ser humano" é um dos principais motivos de escolha da profissão. Embora a comparação destes dados com os resultados obtidos pela presente pesquisa esteja prejudicada pelo fato de não termos trabalhado com motivos apontados para a busca da profissão, é possível que se cotejam os valores implícitos nos motivos do estudo citado com aqueles sistematizados na Tabela 2. Valores como altruísmo e abnegação convivem com a aspiração por ajustar, ajudar, aconselhar e promover o bem-estar psicológico das pessoas. Ulian e colaboradores (1988) chamam esta tendência de "mística da dedicação ao próximo", cuja característica mais relevante é a consideração do indivíduo isolado de seu contexto. Acrescentamos que estes valores são análogos àqueles cultivados pela medicina, profissão hegemônica no setor da saúde, e que permeiam boa parte dos instrumentos, métodos, técnicas e linguagem dominantes na Psicologia. A propósito, Costa (1986a) verificou, como fatores que afetaram a escolha da Psicologia, a busca de uma profissão de ajuda, além de curiosidade e interesse pela área de conhecimento, identificação com alguém que se admira e busca de autoconhecimento.

**Tabela 2.** Distribuição das respostas dos sujeitos à questão: "Que função social o psicólogo desempenha?"

Que função social o psicólogo desempenha?	* f	** f/tot (%)
1. Função de ajustamento . . . . .	19	26
a) integrar o homem à sociedade e/ou reintegrar os desajustados . . . . .	12	
b) integrar o homem a si mesmo . . . . .	2	
c) melhorar relações sociais . . . . .	4	
d) questionar as relações sociais . . . . .	1	
2. Função de ajuda . . . . .	16	22
a) ajudar o indivíduo a solucionar seus problemas e conflitos . . . . .	12	
b) ajudar o indivíduo a "ver" o que ele "não pode ver" . . . . .	3	
c) ajudar o indivíduo a se modificar . . . . .	1	
3. Função de aconselhamento . . . . .	9	12
a) orientar pessoas rumo ao auto-conhecimento . . . . .	6	
b) compreender o mundo de cada pessoa . . . . .	3	
4. Promover o bem-estar . . . . .	10	14
a) promover o bem-estar do indivíduo . . . . .	3	
b) proporcionar condições favoráveis para um desenvolvimento sadio . . . . .	2	
c) curar e prevenir problemas mentais . . . . .	2	
d) proporcionar equilíbrio emocional . . . . .	1	
5. Altruísmo e abnegação . . . . .	3	4
a) melhorar o mundo . . . . .	1	
b) ser amigo . . . . .	1	
c) confortar doentes desenganados . . . . .	1	
6. Só tem função social quando atua em instituições . . . . .	1	1
7. Não sabe especificar . . . . .	18	24

(\*) Frequência absoluta de respostas.

(\*\*) Frequência relativa ao total de respostas, em porcentagem.

Talvez seja igualmente útil comparar os dados oferecidos pela Tabela 2 com os obtidos por outras pesquisas voltadas para os psicólogos em formação. Neste sentido, Leme, Bussab e Otta (1984) mostraram que os estudantes de Psicologia vêem a imagem que o público leigo faz da profissão como sendo



uma "atividade de invasão e manipulação" das pessoas, na qual um profissional "louco, meio pirado" aborda pessoas "fracas, dependentes e loucas". Além disso, o psicólogo é visto como um profissional "de segunda categoria, de elite e charlatão". Estas categorias só tem sentido se pensarmos que todas elas correspondem à interpretação do trabalho do psicólogo como tendo uma natureza eminentemente clínica, e a uma determinada visão do que seja o trabalho clínico e da população a que ele se destina. Enfocando agora a Tabela 2, vemos que as funções relacionadas como pertinentes ao trabalho do psicólogo só podem contribuir, uma vez efetivadas, para a manutenção da imagem delineada logo acima.

Estes dados nos permitem extrair algumas considerações no mínimo preocupantes. Em primeiro lugar, a importância social da profissão não é reconhecida por grande parte dos sujeitos. De fato, uma análise mais criteriosa das respostas possibilita constatar que o modelo de atuação promovido é, uma vez mais, o do profissional liberal lotado em consultório particular, atuando em nível de psicoterapia, basicamente de tipo individual e prolongado. Não se observa uma delimitação do campo de competência do psicólogo, do seu objeto de trabalho ou de suas atribuições e tarefas específicas, razão pela qual o profissional é visto tanto como aquele que irá aliviar problemas e conflitos pessoais como aquele que poderá encontrar "novos caminhos para um mundo melhor" (conforme transcrição fiel de uma das respostas). Se a primeira imagem revela uma certa confusão com o modelo médico (particularmente identificado à cura e alívio de sintomas), a segunda segue uma outra vertente, que é a da abnegação e do despreendimento, atributos que seriam desejáveis ao profissional de Psicologia segundo uma visão mais idealista (e dita também "humanista"). Que não nos surpreenda o fato de esses mesmos requisitos aparecerem na ordem do discurso médico, de onde mesmo foram possivelmente extraídos — como de resto todo o modelo médico foi tomado de empréstimo — para construir o que foi a origem do saber psicológico. O que não se pode aceitar de bom grado é que essas concepções permaneçam cristalizadas e, portanto, ainda vigentes no conceito que têm os estudantes de Psicologia da profissão que escolheram. Aliás, Moscovici (1961, p. 166) encontrou concepções muito semelhantes, disseminadas

por todo o público leigo, a respeito da Psicanálise: "cumpre que o psicanalista tenha vocação, que seja dotado de uma abnegação especial e de uma pureza de intenções que deverá manifestar-se em sua relação com o paciente".

Essas representações sociais da profissão que a amostra selecionada de alunos primeiranistas traz consigo e que são transparentes em suas opiniões, mormente no período inicial de formação, são calcadas em uma visão ingênua e mistificada da Psicologia como ciência e profissão. Por outro lado, a imagem do profissional que está por trás das funções apontadas algumas vezes aproxima-se mais da imagem de um conselheiro amigo, dotado de um conhecimento teórico eclético e profundo acerca do ser humano, que o instrumentaliza a conhecer, orientar, aconselhar e ajudar o outro, com vistas ao seu bem-estar (aqui definido como ausência de conflitos, "problemas", etc.).

Se tomarmos estes dados como referência para uma reflexão acerca das percepções do aluno de primeiro ano, veremos que a meta de relevância ou alcance social que, na Tabela 1 do presente trabalho, poderia estar subjacente à categoria "Educação" e em "ajustar o indivíduo à sociedade", "conscientizar", "prevenção", aparece bastante diluída na Tabela 2, onde o psicólogo é descrito como tendo uma função de ajustamento do indivíduo ao social, e não o oposto, por exemplo. Assim, parece razoável supor que as expectativas pessoais em torno da formação profissional são polarizadas pelo anseio de trabalho com o indivíduo, enquanto categoria isolada e independente do contexto mais amplo que o cerca.

## CONCLUSÕES

A análise dos resultados permite-nos tecer algumas conclusões acerca das aspirações e representações dos estudantes do presente estudo em relação à profissão do psicólogo.

Entretanto é necessário frisar que a metodologia empregada limita bastante a generalização dos resultados, pois não aplicamos provas estatísticas que determinassem o nível de significância dos dados obtidos. Considerando o número reduzido de casos e nosso interesse sobretudo por avaliar e categorizar as percepções dos alunos, mais do que em quantificá-las,

optamos por não prover uma análise quantitativa mais refinada, que cruzasse por exemplo as respostas obtidas para as questões 1 e 2, correlacionando-as ou verificando a homogeneidade da distribuição das mesmas. Evidentemente, mantida no nível em que está, a análise apresenta o inconveniente de limitar uma maior generalização dos dados. Por outro lado, tomamos um cuidado especial com relação às conclusões geradas pelos mesmos, a fim de evitar as inferências e generalizações indevidas.

Evidencia-se que a imagem promovida é a de um profissional que presta assistência individualizada a todos aqueles que recorrem espontaneamente aos seus serviços. Trabalhar com pessoas, estabelecendo com elas uma relação íntima e direta, parece ser o conteúdo essencial das aspirações dos alunos que recém-ingressaram no curso de formação. Esta imagem, de certo modo, acaba por definir as percepções e aspirações individuais, relativas ao âmbito de ação e aos objetivos dos serviços prestados pelo futuro psicólogo, restringindo-os à atividade clínica.

Esta representação da profissão é provavelmente influenciada pela própria atuação profissional do psicólogo, identificada pelos alunos com o atendimento de uma escassa minoria privilegiada do ponto de vista sócio-econômico e que dispõe, portanto, de recursos para se beneficiar de uma assistência psicológica individualizada e nos moldes propostos. Uma parcela substancial das respostas parece ainda relacionar a atuação em Psicologia com o "modelo médico" (Mello, 1975a), onde a profissão é vista como um ramo ou prolongamento da Medicina, não tendo ainda acedido a um estatuto próprio e independente de outros saberes. O que talvez explique por que seja apontada como tarefa do psicólogo trabalhar de maneira individualizada com pessoas desajustadas, portadoras de problemas mentais e conflitos que precisariam ser curados ou prevenidos.

Essa hipótese é fortalecida não apenas pela acentuada preferência pela atuação profissional autônoma, como pela não percepção do significado social dos serviços prestados pelo psicólogo. De fato, a se levarem em conta os interesses da maior parte dos alunos, constata-se que eles aspiram a uma carreira de psicoterapeutas lotados em consultório ou clínica particular, prestando serviços na qualidade de profissionais liberais autônomos. Para o estudante de primeiro ano, nisto parece se resumir o trabalho em Psicologia. Portanto, como a atuação profis-

sional — tal qual é percebida pelos alunos — caracteriza-se pela condição de trabalho clínico, especialmente sem vínculo empregatício de qualquer espécie, não é surpreendente que haja apenas uma resposta que conceba um trabalho vinculado a instituições e nenhuma referência à possibilidade de atuação em instituições comunitárias, como creches, orfanatos, hospitais, postos de saúde, instituições para excepcionais, ou associações de bairros, comunidades de igreja, favelas, órgãos governamentais, etc. A gravidade de tal omissão não pode ser subestimada, pois ela ocorre concomitantemente com a preocupação que se observa entre os psicólogos no sentido de ampliar e diversificar sua atuação profissional para conquistar novas fatias do mercado de trabalho e estender os serviços prestados para a população mais carente de recursos econômicos. Del Prette (1986) inclusive propõe como critério para conferir relevância social a uma atuação psicológica a eficácia que ela demonstra em corrigir desigualdades sociais!

De um modo geral, detecta-se um desconhecimento generalizado dos campos recentes de atuação conquistados pelo psicólogo nos últimos anos, o que confirma os dados obtidos por outros estudos (Carvalho, 1984; Silva e Botomé, 1986; Costa, 1986b, etc.), o que evidencia a inexistência de contato com as condições concretas em que os profissionais estão atuando, a diversificação dos modelos de trabalho, etc. Woods (1976) realizou um amplo estudo sobre as novas linhas de ação da Psicologia, listando dezenas de novas contribuições significativas que têm sido oferecidas em novas áreas de atuação. No Brasil, um fenômeno semelhante vem sendo observado, como notou Rosas (1976). O desconhecimento de tais fatos pode justificar, ao menos em parte, a visão clínica do início do curso, concomitantemente com os preconceitos e estereótipos que modelam as representações e as expectativas dos alunos já de saída. Essas constatações apontam para a necessidade de se corrigirem tais distorções ao nível da formação acadêmica, propiciando ao aluno uma concepção mais realista acerca da Psicologia, não apenas em nível conceitual como também na dimensão prática de uma atuação cada vez mais diversificada. Isto poderia contribuir inclusive para a expansão da atuação em áreas alternativas, o que propiciaria que fosse atendida uma maior amplitude de necessidades sociais do que aquelas arroladas na Tabela 2.

O ponto mais importante que a presente pesquisa procura clarear é o desconhecimento, por parte do aluno, da realidade da formação e do exercício profissional na atualidade, e a perigosa idealização de um determinado modelo de atuação. Estamos certos de assim podermos contribuir para a construção de uma profissão mais comprometida com as necessidades da população e, desse modo, garantir a consolidação da imagem de uma profissão socialmente relevante. Acreditamos assim poder fornecer subsídios para uma reflexão sobre a profissão, dirigida sobretudo àqueles que, como nós, participam da formação de novos profissionais e que, desse modo, também são responsáveis pela reprodução e legitimação de determinada visão da Psicologia.

Seria útil comparar os resultados aqui delineados com as opiniões manifestadas por cada camada social em particular, explorando a forma como a imagem da profissão é constituída pelos diferentes segmentos sociais e por que processos ela é construída. Por exemplo, a população de médicos, psiquiatras, assistentes sociais e de outras profissões liberais e não-liberais, a população operária, a população que seja representativa das classes alta, média e baixa, numa amostragem do conjunto da população brasileira. Como cada grupo, classe ou cultura constitui um universo de opinião particular, devemos precisar a contribuição de cada um desses universos no conjunto de representações que formam a imagem do psicólogo, como as conexões simbólicas são organizadas por cada grupo e até que ponto essas construções podem ser isoladas ou até onde elas são indissociáveis da imagem geral criada pelo conjunto da sociedade. Desse modo, assim como Moscovici (1968) ofereceu-nos um retrato ao mesmo tempo agudo e surpreendente de como o público pensa a psicanálise na França, poderíamos construir um painel da Psicologia, tal como a sociedade brasileira a representa, colhendo desse empreendimento audaciosos e valiosos subsídios para equacionar os problemas pertinentes a essas representações, a fim de compreender os fenômenos que as engendram.

Para encerrar, é preciso recordar que a Psicologia é uma ciência em vias de elaboração e, dessa perspectiva, o estudo sobre suas representações sociais é parte constitutiva de seu acervo de conhecimentos em contínua expansão.

## ABSTRACT

*Students who have recently joined a Psychology course of the city of São Paulo, answered a questionnaire with the following questions, about the carrer they have chosen: "In your opinion what does a psychologist do?" and "What is the psychologist's social role?" The sample survey consisted of 53 students of both sexes, whose average age was 19.*

*The results show that the information about the areas for the exercise of Psychology students have, when they join the course, are precarious and disorganized. Basically they are restricted to the work in the clinic field that stands out more frequently in the sample survey. The image created is that of a liberal professional established in a private surgery, and with an eclectic and "deep" theoretical knowledge about the human being which allows him to orientate, advise and help the others. The social role of the psychologist is not always noticed.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, A. M. S. O estudo das representações sociais: uma contribuição à Psicologia Social no Nordeste. *Revista de Psicologia*, 1983, (1), 5-14.
- BERNARDI, M. Avenir du métier de psychologue. Réalités de la pratique. Images du psychologue — Évolutions. *Bulletin de Psychologie*, 36 (358), 1982-1983, pp. 11-16.
- BOISTEL, D Le psychologue clinicien va par les étudiants de psychologie. *Bulletin de Psychologie*, 1982-1983, 36 (378), 26-28.
- BOTOMÉ, S. P. A quem nós, psicólogos, servimos de fato? *Psicologia*, 1979, 5(1), 1-15.
- BOTOMÉ, S. P. Um procedimento para identificação de alternativas de atuação profissional em Psicologia. Trabalho submetido para publicação à revista *Psicologia*, 1987.
- BOTOMÉ S.P. e ROSENBERG, C. P. Participação de psicólogos em administração de recursos de saúde pública: Análise de uma experiência. *Psicologia*. 1981, 7(3), 1-25.

- CARVALHO, A. M. A. Modalidades alternativas de trabalho para psicólogos recém-formados. **Cadernos de Análise do Comportamento**, 1984, (6), 1-14a.
- CARVALHO, A. M. A. Atuação psicológica. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 1984, 4(2), 7-9b.
- CARVALHO, A. M. A. e KAVANO, E. A. Justificativas de opção por área de trabalho em Psicologia: Uma análise da imagem da profissão em psicólogos recém-formados. **Psicologia**, 1982, 8(3), 1-18.
- COSTA, A. E. B. C. Perfil sócio-cultural do estudante de Psicologia. **Resumos da XVI Reunião Anual de Psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto**, 1986a, resumo 116.
- COSTA, A. E. B. C. Psicólogos: como são, como serão? **Resumos da XVI Reunião Anual de Psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto**, 1986b, resumo 117.
- DEL PRETTE, Z. A. P. O papel social da psicologia: reflexões sobre critérios e métodos para avaliar a relevância de intervenções na comunidade. **Ciência e Cultura**, 1986, 38(2), 329-333.
- DOBRIANSKYJ, L. N. Formação em Psicologia: I. Representação da Psicologia e o perfil do aluno e do professor dos cursos de graduação de Curitiba. **Resumos da XVIII Reunião Anual de Psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto**, 1988a, p. 229.
- DOBRIANSKYJ, L. N. Formação em Psicologia: II. Identificação dos motivos que levaram à escolha do curso e expectativas em relação ao curso. **Resumos da XVIII Reunião Anual de Psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto**, 1988b, p. 230.
- DOBRIANSKYJ, L. N. Formação em Psicologia: III. Percepção das áreas de atuação e expectativas em relação à futura atuação profissional. **Resumos da XVIII Reunião Anual de Psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto**, 1988c, p. 231.
- FIGUEIREDO, L. C. M. Notas impopulares sobre a formação do psicólogo. **Cadernos de Análise do Comportamento**, 1983, 4, 1-16.

- GOFFMAN, E. (1961). **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. do original inglês de Maria Célia Santos Raposo, Petrópolis: Vozes, 1975.
- GREGO, B. e KAUMANN, I. El lugar del psicólogo en el proceso de producción del psicoanálisis en Buenos Aires. In S. Bricht e colaboradores. **El rol del psicólogo**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973.
- HARARI, R. Prólogo. In: N. Litvinoff e S. K. Gomel, **El psicólogo y su profesión**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1975.
- HUTCHINSON, B. **Mobilidade e Trabalho: Um estudo na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.
- JODELET, D. **La Représentation Sociale du Corps**. Paris: E. H. E. S. S., 1976.
- LÁZARO, C. S.; OLIVEIRA, F. A. L. e MARQUES, T. M. Motivos de escolha do curso de Psicologia: comparação da percepção inicial e ao término do curso. **Resumos da XVI Reunião Anual de Psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, 1986**, Resumo 135.
- LEME, M. A. V. S., BUSSAB, V. S. R. e OTTA, E. Representação Social do psicólogo transmitida por alunos de Psicologia. **Resumos da XIV Reunião Anual de Psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, 1984**, p. 78.
- LOMÔNACO, J. F. B. **Valores profissionais de crianças e adolescentes**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1970.
- MAGNANI, J. G. C. Discurso e representação, ou de como os baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: Cardoso, R. (Org.) **A aventura antropológica: Teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, 127-140.
- MELLO, S. L. **Psicologia e profissão em São Paulo**. Editora Ática, São Paulo, 1975.
- MOSCOVICI, S. (1961) **A representação social da psicanálise**. Trad. do original Francês de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.



- PEREIRA, S. L. M. A formação profissional dos psicólogos: Apontamentos para um estudo. *Psicologia*, 1975, 1(1), 15-20.
- RODRIGUES, C. J. S., TRINDADE, Z. A., MENANDRO, P. R. M. e RODRIGUES, M. M. P. Relação entre interesse inicial em áreas de atuação profissional e características dos alunos ingressantes no curso de Psicologia da UFES. *Resumos da XV Reunião Anual de Psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*, 1985, p. 109.
- ROSAS, P. Como trabalha o psicólogo. *Lumen (Faculdade de Filosofia de Recife)*, 1977, 1, 9-24.
- SANTOS, M. A. A inserção do psicólogo na instituição: Os antecedentes da questão. *Anais da XVI Reunião Anual de Psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*, 1986, 79-83.
- SANTOS, M. A. Determinantes da "vocação" clínica da Psicologia no Brasil. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto USP, 1988 (Trabalho não publicado).
- SCHMIDT, M. L. S. Psicologia: representações da profissão. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1984.
- SILVA, V. L. M. e BOTOMÉ, S. P. Situações e locais de atuação do psicólogo clínico na percepção de estudantes de Psicologia. *Psicologia*, 1986, 12(3), 11-34.
- SILVA, R. C. O trabalho do psicólogo em centros de saúde: algumas reflexões sobre as funções da Psicologia na atenção primária à saúde. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1988.
- SINDICATO dos Psicólogos do Estado de São Paulo e Conselho Regional de Psicologia — 6ª Região. *O perfil do psicólogo no Estado de São Paulo*. São Paulo: Cortez, 1984.
- THEBAUD, A. *Aspirations des étudiants de Psychologie*. Rio de Janeiro 1969. Mimeografado.
- ULIAN, A. L. O.; CARVALHO, A. A.; BASTOS, A. V. B.; SODRÉ, L. e CAVALCANTE, M. L. P. A Busca da profissão: valores implícitos nos motivos apontados por

psicólogos. Resumos da 40ª Reunião Anual da SBPC, 1988, p. 937.

WOODS, P. J. Career opportunities for psychologists. Washington: American Psychological Association, 1976.